

## **Thomas Jefferson: a escrita autobiográfica como uma representação de si**

Mayara Brandão Venturini\*

Autor da Declaração de Independência das 13 colônias, Defensor dos Direitos Humanos, responsável por dobrar o território nacional – com a compra da Louisiana - Legislador proto-abolicionista e criador da Universidade da Virgínia. É dessa forma que, popularmente, Thomas Jefferson, terceiro presidente dos Estados Unidos, é lembrado. Em discursos de outros presidentes estadunidenses, em livros didáticos ou folhetins de datas comemorativas – como 4 de julho-, essas representações de Jefferson se mantêm vivas e presentes no imaginário do país, mesmo que já tenham sido amplamente questionadas por alguns estudiosos.

É inevitável que, ao olhar para a vida de Jefferson, algumas dessas alcunhas pareçam um tanto quanto ambíguas ou incongruentes – afinal, como pode alguém ser ao mesmo tempo um grande escravocrata e escrever leis pedindo pelo fim da escravidão? -. Não nos cabe, nesse texto, historicizar tais questões, e sim buscar entender e explanar brevemente, numa perspectiva memorialista, as práticas do próprio Jefferson para o arquivamento do seu ‘eu’ e, a partir disso trazer algumas pontuações sobre as características da escrita autobiográfica desse político.

Retornemos, brevemente, a meados da década de 70, período em que a História Política passou por um processo de renovação significativa. Segundo René Remond, em *Por uma História Política*<sup>1</sup>, esse movimento trouxe mudanças significativas na forma de escrita da História Política, pois admite a necessidade e o compromisso de reformulação de sua metodologia de análise. Não cabe aqui elencar todo o processo de transformação<sup>2</sup> narrado pelo autor, mas é essencial que se assinale a importância que esse movimento teve para que a História política retornasse do ostracismo em que se encontrava desde o fortalecimento da Escola dos Annales, na década de 30.

Assim, como escrevera Remond, a História Política anterior a 1930,

(...) só tinha olhos para os acidentes e as circunstâncias mais superficiais: esgotando-se na análise das crises ministeriais e

---

\*Mestranda do programa de História e Cultura Política da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Franca (início em abril de 2015) e Bolsista CAPES (junho 2015).

<sup>1</sup> REMOND, RENÉ. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003

<sup>2</sup> Ver “História do tempo presente”. In *Por uma História Política*. 2003

privilegiando as rupturas de continuidade, era a própria imagem e o exemplo perfeito da história dita factual, ou *évènementielle* - sendo o termo aí evidentemente usado no mau sentido -, que fica na superfície das coisas e esquece de vincular os acontecimentos às suas causas profundas. (...) Ao privilegiar o particular, o nacional, a história política privava-se, ao mesmo tempo, da possibilidade de comparações no espaço e no tempo (...). (REMOND, 1996, p.16)

A “Nova História Política”, como é chamada, surge então com uma proposta de renovação de fontes, de interpelações e interpretações dessas fontes, bem como uma ressignificação dos fenômenos políticos dentro da comunidade ou sociedade em que eles ocorreram. O indivíduo aqui não é mais o ilustre personagem, aquele que move a história, e sim aquele que, como os outros ‘anônimos’ de seu tempo, serve como objeto de estudos e de formulação de hipóteses sobre seu tempo, mas sem assumir o papel de principal responsável unanime pelo que aconteceu nele.<sup>3</sup>

Assim, segundo Remond, a Nova História Política se abre para as perspectivas e métodos da história social e/ou econômica, expandindo seu horizonte de análise. É nesse sentido que o estudo da Autobiografia de Thomas Jefferson, proposto aqui, busca considerar uma perspectiva mais ampla de análise e contexto, que possibilite entender alguns possíveis fatores que levaram Jefferson a se preocupar com o ‘arquivamento do eu’.

Em meados da década de 1990, então, observa-se o fortalecimento, lento porém contínuo, de estudos historiográficos acerca do que denomina-se “Escritas de Si” ou as “Escritas-auto-referenciais”. Juntamente com as cartas, diários, biografias, memórias, autobiografias e romances autobiográficos conquistam espaço e se mostram essenciais na pesquisa desse fenômeno de construção – e de uma preocupação - de uma imagem de si.

Segundo Angela de Castro Gomes, na introdução do livro “*Escritas de Si, Escritas da História*”<sup>4</sup>, esse fenômeno de ‘arquivamento do eu’ pode ser *superficialmente*<sup>5</sup> datado dos séculos XVIII e XIX, é resultante de um longo e complexo processo de emergência da figura de um Cidadão Moderno. Nesse momento, o indivíduo passa a possuir, em meio a outras modificações, a noção de seus direitos ‘civis’ e ‘políticos’<sup>6</sup> e, devido a isso, se envolver em um processo de descoberta de si como ser individual e pensante, e por isso auto-avaliativo e auto-

<sup>3</sup> Op. Cit. p 18

<sup>4</sup> GOMES, Angela de Castro (org). *Escritas de Si, Escritas da História*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

<sup>5</sup> Segundo a própria autora, em nota de rodapé, essa datação requer uma operação bastante complexa e pode ser questionada.

<sup>6</sup> Op. Cit. p13.

valorativo. Dessa forma, segundo a autora, o termo se explica a partir da “(...) *relação que se estabelece entre o indivíduo moderno e seus documentos*”:<sup>7</sup>

(...) A ideia de indivíduo que aqui se deseja fixar vincula-se à longa transformação das sociedades ocidentais chamadas tradicionais por oposição às modernas. Um processo de mudança social pelo qual uma lógica coletiva, regida pela tradição, deixa de se sobrepor ao indivíduo, que se torna “moderno” justamente quando postula uma identidade singular para si no interior do todo social, afirmando-se como valor distinto e constitutivo desse mesmo todo. (GOMES, 2004, p 12)

Dessa forma, produzindo tais documentos, o indivíduo moderno está constituindo sua identidade e, no caso de políticos, como Thomas Jefferson constituindo conscientemente, acreditamos, uma imagem que foge do âmbito privado e é talhada visando chegar ao espaço público. É importante assinalar que, como ressalta Gomes e outros estudiosos, embora a prática da escrita da própria vida seja antiga, e remonte tempos anteriores aos séculos XVIII ou XIX, entende-se que essa prática no mundo das sociedades modernas assume um novo significado para aqueles produziam e organizavam essa documentação.

A autobiografia de Jefferson, documento que originalmente foi nomeado por ele de “Memórias”, se insere nesse contexto. Sua autobiografia, como é normalmente referida (e a partir desse momento a trataremos apenas dessa forma) é bastante característica e, em alguns aspectos, foge de maneira bem perceptível da estrutura característica da maior parte dos documentos autobiográficos.

É importante que se reforce a ideia de que as ‘Escritas de si’ abrangem outros documentos além das denominadas Autobiografias. Cartas, diários ou romances são fontes de importante valor historiográfico, e requerem métodos de manuseio específicos para cada uma delas. As *memórias* ou as *autobiografias*, no entanto diferenciam-se um pouco dessas outras fontes de escritas de si por ter o tempo da narrativa diferente do tempo narrado. Ou seja, diferentemente dos diários ou cartas que acontecem próximos aos eventos narrados, nas memórias ou autobiografias o narrador tem o privilégio do conhecimento dos rumos que tais acontecimento deram para sua vida. Assim, essas fontes dizem, além do que está sendo narrado,

---

<sup>7</sup> Op. Cit. p 10.

sobre o momento em que o autor efetua tal escrita.<sup>8</sup> Apesar dessa característica que as aproxima, as autobiografias e as memórias possuem importantes diferenças entre si.<sup>9</sup>

Assim, alguns autores se dedicaram a explicar sobre métodos de análises direcionados especificamente para o trato da fonte autobiográfica. Aqui, a obra de Philippe Lejeune, denominada *O pacto autobiográfico*, guarda sua importância, apesar de ser considerada por muitos já superada em diversos aspectos. A obra, resultante de uma série de estudos, tendo seu primeiro artigo publicado ainda da década de 1970, denominado *L'autobiographie em France*, foi reeditada pelo autor ao menos três vezes, ao longo de quase quatro décadas, e atualizada pelas críticas e pelos novos questionamentos da área, como é assinalado por Jovita Maria Gerheim Noronha na apresentação da última edição da obra, agora denominada *O pacto Autobiográfico: de Rousseau a Internet* (2008)<sup>10</sup>.

Apesar disso, a obra de Lejeune pode ser considerada um dos primeiros trabalhos preocupados em definir e localizar no tempo e nas características a “autobiografia”. “*Seria possível definir a autobiografia?*”, é assim que o autor inicia o primeiro volume dessa série de obras. Para Lejeune, então, a autobiografia precisaria necessariamente conter algumas características específicas, e é talvez por esse método bastante fechado e rígido, nesse primeiro momento, que o autor tenha visto a necessidade de revisar sua teoria. De qualquer forma, para Lejeune, uma das principais características das autobiografias, que inclusive a diferencia das memórias - como citado brevemente acima -, é se tratar de um documento em que o autor-narrador traz registrado acontecimentos de ordem pessoal; e aqui o ‘pessoal’ não assume papel de ‘íntimo’ e sim de algo relativo a si, acontecimentos em que o autor/personagem esteve diretamente ligado. A definição, citando Lejeune é a seguinte: “*Narrativa retrospectiva em prosa em que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade*”.<sup>11</sup>

A subjetividade dessas fontes demanda, então, um contínuo processo de construção metodológica. Questionamentos sobre a intenção da verdade, a verdade do autor, ou

---

<sup>8</sup> SEIXAS, Jacy de Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais” In: Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Stella Bresciani e Márcia Naxara (org.). Campinas. Editora da Unicamp, 2001

<sup>9</sup> Lejeune, em *O Pacto autobiográfico*, por exemplo, diferencia as *autobiografias* das *memórias* da seguinte maneira: as autobiografias seriam escritos em que o narrador é também personagem, e os acontecimentos têm ligação direta com sua vida. As memórias, no entanto, podem se referir a algo que o autor delas presenciou ou soube, mas não vivenciou pessoalmente.

<sup>10</sup> LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, Ed. UFMG, Belo Horizonte, 2008;

<sup>11</sup> Op. Cit. p 16

a própria Ilusão Biográfica são fontes permanentes e discutirão e precisariam ser trabalhadas de maneira mais aprofundada. Assim, embora tais aspectos não sejam descritos nesse texto, entende-se a importância deles para a análise proposta aqui.

Como foi comentado no início desse texto, Jefferson é um personagem bastante vivo no imaginário popular estadunidense, e seus feitos ou opiniões são conhecidos mesmo por aqueles que não se dedicaram à leitura de seus escritos, propriamente ditos. Sendo assim, é importante que se tome conhecimento, mesmo que breve, dos papéis ocupados por Jefferson dentro do cenário político de seu país, já que uma das principais características de sua autobiografia é a predominância da narrativa de fatos ligados à sua vida política.

Terceiro presidente dos Estados Unidos da América, Jefferson é até hoje considerado um dos mais influentes *Founding Fathers* (“Pais Fundadores”) da nação. Além disso, foi participante ativo das movimentações pela Revolução Americana, sendo autor da Declaração de Independência de 1776, um dos grandes marcos do movimento. A própria Declaração de Independência é considerada, tanto por Jefferson quanto popularmente, como um dos seus mais importantes feitos, e decisivo para eternizá-lo na História da formação de sua nação. Parece claro que, o próprio político estava ciente da importância dessa Declaração para a sua memória quando deixou, em testamento, o pedido para que os seguintes dizeres fossem talhados em sua lápide: “*Here was buried Thomas Jefferson autor of the Declaration of American Independence, of the Statute of Virginia for Religious Freedom and Father of the University of Virginia*”<sup>12</sup>(grifo meu).

Assim, dos anos de 1801 à 1809, cumprindo dois mandatos, já que foi reeleito em 1804 em uma apertada vitória, Jefferson assume uma posição de inegável notoriedade já na época que vive. Alguns anos antes, Jefferson também protagonizou outro episódio que é bastante lembrado; juntamente com Madison, Hamilton, John Adams e outros políticos, resultante de discordâncias políticas e administrativas entre eles, surge os dois primeiros partidos políticos do período, Republicanos e Federalistas, pilares essenciais na construção dos ideais de consolidação e solidificação dessa nação ainda jovem.

Antes desse período de maior visibilidade junto ao poder executivo, no entanto, Jefferson já era bastante ativo na vida política do país. Tendo estudado Direito, Jefferson passou apenas alguns anos da sua vida exercendo a função de advogado, já que em 1769, com a idade

---

<sup>12</sup> A primeira lápide de Jefferson, originalmente desenhada por ele, foi roubada e foi posteriormente reposta preservando o pedido original na forma arquitetônica e na frase talhada. Ela se encontra em sua propriedade, em Monticello/EUA.

de 26 anos, foi eleito Membro da Casa de Cidadãos da Virgínia, seu estado natal. A partir desse momento, Jefferson assume sua postura bastante ativa (como podemos observar na sua própria narrativa autobiográfica), com diversas propostas de projetos de leis e presença marcante nas assembleias e reuniões administrativas.

Envolvendo-se profundamente nas movimentações Revolucionárias, Jefferson assume o cargo de Delegado da Virgínia durante o segundo Congresso Continental, no ano de 1775. Mesclando suas atividades de “fazendeiro” à sua vida política, que nesse momento estava bastante ligada a Revolução, Jefferson se dedica a escritos como “Resumo de Direitos da América Britânica” de 1774, ou a “Declaração sobre os motivos e a necessidade de pegar em armas” de 1776<sup>13</sup>, até a própria “Declaração de Independência”, desse mesmo ano.

Embora sua trajetória política seja marcada por alguns intervalos, nos quais se recolheu em sua propriedade em Monticello, dizendo-se cansado da vida política, Jefferson não demorava a retornar para o meio político; Nem mesmo em meio à crise que se sucedeu após sua renúncia ao cargo de Governador da Virgínia<sup>14</sup>, no momento em que finalmente a guerra chegou ao estado da Virgínia, no ano de 1781, ocasião em que foi alvo de pesadas críticas de seus “companheiros” de Revolução por se manter distante dos campos de Batalha. Já no ano de 1783, Jefferson assume o cargo de Delegado da Virgínia, no Congresso.

Ainda antes da presidência, Jefferson assumiu os outros dois cargos mais próximos do poder executivo. Em 1790, quando George Washington foi eleito Presidente dos EUA, Jefferson foi convocado pelo presidente a assumir o cargo de Secretário de Estado, função que exerceu até 1793. No momento em que foi nomeado para tal cargo, Jefferson se encontrava na França, exercendo sua função de embaixador, cargo que ocupava desde 1785. Em uma das breves pausas, em 1794, Jefferson se refugiou em Monticello para retornar ao cenário político em 1796, disputando a Presidência com John Adams. Após perder as eleições, Jefferson assumiu, então, o seu segundo cargo ligado diretamente à presidência: o cargo de vice presidente dos EUA.

Em 1801, após vencer as eleições, Jefferson assume o cargo de Presidente dos EUA. E em 1809, ao fim do mandato, sai definitivamente da vida política ativa do país. É importante ressaltar que, apesar de não estar mais ativo no meio político, ocupando cargos, Jefferson ainda era interpelado por colegas de profissão, que buscavam suas opiniões e posicionamentos ou

---

<sup>13</sup> Essa Declaração não foi publicada com os dizeres originais de Jefferson, pois foi considerada muito agressiva à metrópole. Ela foi publicada oficialmente após revisão e modificação de muitos trechos. A original foi publicada por Jefferson através de folhetins impressos independentemente.

<sup>14</sup> Jefferson foi nomeado em 1779. Mesmo ano que escreve seu Projeto de Lei que pedia pela Liberdade Religiosa.

seus conselhos, como pode ser observado em sua troca de correspondências. Longe da vida política, entre 1816 a 1820, Jefferson idealiza a Universidade da Virgínia, e se torna seu primeiro reitor em 1819.

Finalmente, de 6 de janeiro de 1821 até junho desse mesmo ano, na idade de 77 anos, Jefferson se dedica a escrever a *história da sua vida*, suas *memórias*. A sua autobiografia compreende seu nascimento, em 1743, até o ano de 1790, quando volta para os EUA para assumir o cargo de Secretário de Estado. Dissertando brevemente sobre sua ascendência, Jefferson narra a vida de ‘um dos primeiros colonizadores do território da Virgínia’, seu avô paterno. Sobre seu pai, Jefferson retoma a importância que ele, mesmo iletrado, deu para os estudos de seus filhos. Segundo ele, foi devido a essa preocupação de seu pai que passou a frequentar a escola e a tomar aulas. Jefferson conta, então, como iniciou seus estudos em Direito, e a grande importância que seus amigos e mentores, William Small – que por sua narrativa parece se assemelhar bastante a função de um orientador na Universidade - ou George Wythe tiveram no desenvolvimento de seu ‘senso crítico’ e ‘político’ sobre assuntos importantes de seu país.

Dentro da sua narrativa, o ano de 1769 nos é determinante. Com sua inserção em seu primeiro cargo político, a narrativa direciona-se agora de maneira bastante impessoal já que, a partir desse ponto, Jefferson passa a narrar apenas a esfera política de sua vida, deixando a narrativa com um ar bastante ‘impessoal’, descrevendo os mais diversos acontecimentos e deixando transparecer suas ideologias ou crenças apenas através deles.

Desse ponto em diante, a autobiografia de Jefferson nos traz alguns acontecimentos narrados de maneira mais específica. Primeiramente, narrando o processo independentista estadunidense, Jefferson se concentra em explicar sobre as tentativas de desmobilização política por parte da metrópole Inglesa, e as assembleias, reuniões, e determinações das formas de resistências que ele, juntamente com outros políticos do período, articulava em defesa da independência e soberania política dos colonos. Depois disso, Jefferson narra as reuniões do segundo Congresso Continental da Filadélfia, no qual cumpria o papel de Delegado representante do Estado da Virgínia. Nesse momento a Narrativa é direcionada para o Documento de Declaração de Independência dos EUA; Jefferson coloca, de maneira bastante simbólica, a Declaração que foi originalmente escrita por ele e logo em seguida o texto publicado, resultante das modificações feitas durante as reuniões de junho de 1776, nas quais representantes das 13 colônias buscavam um acordo no conteúdo do documento. Esse trecho da autobiografia deixa clara a preocupação de Jefferson em registrar as ideias originalmente

defendidas por ele, sem modificações – se nos atentarmos a isso, podemos comparar tal preocupação com o episódio em que Jefferson publicou, em forma independente, o texto original de sua Declaração sobre as Necessidades de se Pegar em armas, alguns anos antes, como já citado acima -.

Um pouco adiante, Jefferson narra alguns artigos e projetos do período da Confederação, dos anos de 1777-1789, as reformas na governação da Virgínia, e brevemente o período que passou na França até retornar para os Estados Unidos, em 1789/90. Em quase todo o texto, a escrita de Jefferson traz datas e nomes, o que pode evidenciar um recuo a possíveis anotações da própria época que narra, embora isso seja apenas uma hipótese.

De qualquer forma, a evidente importância que Jefferson dá para a Declaração de Independência, faz com que, nesse primeiro momento de análise, pensemos ser o ponto central da sua autobiografia. O processo de escrita desse documento, e o resgate ao original, nos leva a crer que Jefferson queria deixar registrado que os trechos modificados não tinham sido escolha sua, e que seus ideais contidos nesses trechos foram esquecidos momentaneamente unicamente pelo bem comum da nação. Mas o que diziam esses trechos? Um dos mais importantes trechos retirados da carta, delega a responsabilidade da escravidão à coroa Inglesa – trecho que precisou ser retirado devido à resistência de delegados de colônias do Sul. Jefferson reafirma com isso sua crença na sentença original da carta, e se posiciona de maneira discreta, porém clara.

Outra característica bem interessante da narrativa autobiográfica de Jefferson, é a sua justificativa ou sua motivação. O que o fez se dedicar a uma escrita da própria vida? Segundo Lejeune a escrita de autobiografias costuma começar ritualmente por essa questão:

Interrogar-se sobre o sentido, os meios e o alcance de seu gesto, eis o primeiro ato da autobiografia: frequentemente o texto começa, não pelo ato de nascimento do autor, mas por um tipo de ato de nascimento do discurso, o ‘pacto autobiográfico’. Nisso a autobiografia não inventa: as memórias começam ritualmente por um ato desse gênero: exposição da intenção, das circunstâncias nas quais se escreve, refutação de objetivos ou de críticas. [...] Logo, a autobiografia interroga a si mesma; ela inventa a sua problemática e a propõe ao leitor. Esse “comportamento” manifesto, essa interrogação sobre o que se faz, não cessam uma vez o pacto autobiográfico terminado: ao longo da obra, a presença explícita (por vezes mesmo indiscreta) do narrador permanece. É aqui que se distingue a narração autobiográfica das outras formas de narração em primeira pessoa: uma relação constante é estabelecida entre o passado e o presente, e a escritura é colocada em cena” (LEJEUNE, 1998, p. 49)<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Traduzido por Ana Amélia Barros Coelho Pace, em *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*, 2012. Do original « S'interroger sur le sens, les moyens, la portée de son geste, tel est le premier acte de l'autobiographie : souvent le texte commence, non point par l'acte de naissance de l'auteur (je suis né le... ) mais par une sorte d'acte de naissance du discours, le « pacte autobiographique ». En cela, l'autobiographie n'invente pas : les mémoires commencent rituellement par un acte de ce genre : exposé d'intention, circonstances



Nessa “justificativa” da escrita da sua autobiografia, Jefferson direciona-se ao privado, à família. Essa característica contraria o pressuposto de que sua narrativa, essencialmente sobre aspectos políticos da sua vida, poderia ser uma resposta à possíveis críticas à sua carreira ou algo semelhante; Jefferson não justifica a sua narrativa como uma ferramenta que visa cumprir alguma defesa pública. Sua narrativa se inicia com a seguinte frase: “*Na idade de 77, eu começo a fazer alguns memorandos e indicar algumas lembranças de datas e fatos sobre mim mesmo, para minha própria referência/leitura e para a minha família.*”

Assim Jefferson reduz ao privado um relato que é quase por completo os caminhos de uma vida pública. Essa intenção declaradamente não-pública ou não-política de sua obra é mais uma das particularidades desse documento. É importante ressaltar, dito isso, que a autobiografia de Jefferson, juntamente com cartas e outros documentos, foram publicados pela primeira vez apenas alguns anos após sua morte, por sua família, o que reafirmaria esse destino privado apontado por Jefferson.

Assim, em vias de buscar entender essa escrita autobiográfica de Jefferson, e suas motivações, é importante dizer que, nesse mesmo contexto, outros *Pais fundadores*, contemporâneos a Jefferson, também são autores de textos autobiográficos, como Benjamin Franklin e John Adams. Segundo Mario Correia Alves<sup>16</sup>, em sua tese de doutoramento *Convergências de visões na fundação de um país: Benjamin Franklin e Thomas Jefferson*, esses escritos podem ser considerados algumas das primeiras autobiografias americanas que fugiram do caráter narrativo ‘doutrinário/religioso’. Ou seja, nesse momento as autobiografias migram da predominância da narrativa de si como ferramenta de reafirmação do transcendental para se tornar uma narrativa de si ligada a um aspecto político e/ou nacional. Assim, a autobiografia de Jefferson se caracteriza por sua intencionalidade privada, porém publicizada, e inevitavelmente ligada a história política de seu país.

---

où l'on écrit, réfutation d'objectifs ou de critiques. (...) L'autobiographie s'interroge donc fatalement sur elle-même ; elle invente sa problématique et la propose au lecteur. Cette « conduite » affichée, cette interrogation sur ce qu'on fait, ne cessent pas une fois le pacte autobiographique terminé : tout au long de l'œuvre, la présence explicite (parfois même indiscreète) du narrateur demeure. C'est là qui distingue le récit autobiographique des autres formes du récit à la première personne : une relation constante y est établie entre le passé et le présent, et l'écriture y est mise en scène. » Philippe Lejeune. (Lejeune. *L'autobiographie en France*. 2. ed. Paris : Armand Colin, 1998, p. 49)

<sup>16</sup> ALVES, Mario Correa. *Convergências de visões na fundação de um país: Benjamin Franklin e Thomas Jefferson*, 2009.



## REFERÊNCIAS

### Fonte:

Thomas Jefferson, *The Works of Thomas Jefferson*, Federal Edition (New York and London, G.P. Putnam's Sons, 1904-5). 12 vols. 14/01/2015. (Disponível em <http://oll.libertyfund.org/titles/1734>).

### Obras Gerais:

ALMOND, G. *A Discipline Divided. Schools and Sects in Political Science*. Londres: Sage, 1990, p. 144. apud LLERA, Francisco J. "Enfoques en el estudio de la cultura política". In: CASTILLO, P. & CRESPO, I. (org.). **Cultura Política** - enfoques teóricos y análisis empíricos. Valencia: Tirant lo Blanch, 1997.

ALVES, Mario Correa. **Convergências de visões na fundação de um país: Benjamin Franklin e Thomas Jefferson**, 2009.

ARMITAGE, David. **Declaração de Independência: uma história global**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011.



APTHEKER, Herbert. **Uma Nova História dos Estados Unidos: A Revolução Americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

BAILYN, Bernard. **As origens ideológicas da Revolução Americana**. Bauru/SP: Ed. EDUSC, 2003.

BOBBIO, Norberto et ali. (coord). **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os Intelectuais e o Poder**. São Paulo: UNESP, 1997.

BONWICK, Colin. **Thomas Jefferson – a contradição democrata**. Thomas Jefferson: Pragmatist or Visionary?. *History Today*, Vol. 43 , April 1993

BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. SP: Unesp, 1992;

COHEN, William. **Thomas Jefferson e o problema da escravidão**. IN **Estudos Avançados**, 14 (38), 2000, p. 151-180.

DAVIS, David Brion. **Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World**. USA: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **O problema da escravidão na cultura ocidental**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FEHN, Bruce. **Thomas Jefferson and Slaves: Teaching an American Paradox**. IN *OAH Magazine of History*, Vol. 14, No. 2, The Early Republic (Winter, 2000), pp. 24-28.

FINKELMAN, Paul. **Slavery and the Founders: Race and Liberty in the Age of Jefferson**. London: M.E. Sharpe, 2001.



FISCHER, David Hackett. **Liberty and Freedom: a visual history of america's founding ideas.** Nova York/ Oxford: Oxford University Press, 2005.

FRAIZ, Priscila. **A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais de Gustavo Capanema.** In: Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol 11, n. 21, 1988.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. **Guerras e escritas. A correspondência de Simón Bolívar (1799-1830).** São Paulo: Editora Unesp, 2010.

\_\_\_\_\_. **As guerras de independência, as práticas sociais e o código de elite na América do século XIX: leituras da correspondência bolivariana.** In: Varia História, Belo Horizonte, vol. 23, nº 38: p.293-314, Jul/Dez 2007.

\_\_\_\_\_. **Passados recontados e futuros possíveis: considerações sobre a narrativa autobiográfica de Francisco de Paula Santander.** In. Revista Dimensões, vol. 28: p. 270-295, 2012.

GODECHOT, Jacques. **As Revoluções (1770-1799).** São Paulo: Pioneira/Edusp, 1976.

HORTON, James Oliver. **Slavery and the Making of America.** USA: Oxford University Press, 2006.

JEFFERSON, Thomas. **Escritos Políticos.** Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. In. CIVITA, V. (Editor). **Federalistas.** Textos selecionados por Francisco C. Weffort. 1ª. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. **Escritos Políticos.** São Paulo: Difusão Cultural, 1964.

KARNAL, Leandro. **Estados Unidos: a formação da nação.** São Paulo: Contexto, 2003.

LE GOFF, Jaques. **História e memória.** Editora da Unicamp, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet,** Ed. UFMG, Belo Horizonte, 2008;



\_\_\_\_\_. *L'autobiographie en France*. 2. ed. Paris : Armand Colin, 1998

PACE, Ana Amélia Barros Coelho. **Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune**, 2012.

POCOCK, John G. A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2003.

REMOND, René. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Henrique Estrada. Lévi-Strauss, Braudel e o tempo dos historiadores. *Revista Brasileira de História*, vol. 29 nº57. São Paulo: 2009 (Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br));

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.

SEIXAS, Jacy de Alves – Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais”  
In: *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Stella Bresciani e Márcia Naxara (org.). Campinas. Editora da Unicamp, 2001;

SILVA, Helenice Rodrigues da. “História intelectual em questão”. In: LOPES, Marco Antônio (org.). **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: contexto, 2003, p. 15-25.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Liberdade Antes do Liberalismo**. São Paulo: Unesp, 1999.



SMITH, Anthony. Conmemorando a los muertos, inspirando a los vivos. Mapas, recuerdos y moralejas en la recreación de las identidades nacionales. In: **Revista Mexicana de Sociología**, vol. 60, n.1, 1998.

WOLOCH, Isser (ed.) **Revolution and the Meanings of Freedom in the Nineteenth Century**. Stanford: Stanford University Press, 1996.